



2ª Plenária Preparatória – dia 7 de outubro de 2023 Diadema

O objetivo principal desse documento é estimular a reflexão sobre a sindicalização e a sustentação financeira do nosso Sindicato, tendo em conta que o objetivo principal desse 14º Congresso é construir um **“Sindicato Forte para Ampliar Direitos”**.

Para ser forte, um sindicato deve ser representativo, ou seja, ser reconhecido pela categoria como seu legítimo representante frente aos patrões, ao governo e à sociedade.

Essa legitimidade deve se expressar pela associação formal do trabalhador/a ao sindicato por meio da sindicalização, quando passa a usufruir de todos os direitos e deveres de um trabalhador/a sindicalizado/a.

Esse é o primeiro desafio da entidade: convencer o trabalhador ou a trabalhadora a se associar ao sindicato, contribuindo para o fortalecimento que vai garantir e ampliar os direitos. Nem todos os trabalhadores e trabalhadoras têm consciência desse mecanismo e uma boa parcela ainda resiste a se sindicalizar com medo de represálias do patrão. Outra parcela quer apenas usufruir dos benefícios, dos direitos e das conquistas sem pagar nada por isso.

Os governos dos patrões e os chefes nas empresas estimulam os menos informados, os medrosos e os oportunistas a se oporem a todo tipo de contribuição para o sindicato, principalmente quando é um sindicato classista e de luta. Depois de anos de governos pró-patrão e anti-trabalhador/a, o número de sindicalizados no Brasil baixou de 16,1% em 2012 para 9,2% em 2022, entre os ocupados. Apenas no ramo químico da CUT, entre 2019 e 2022, a taxa de sindicalização baixou de 15,9% para 12,5%.

Lembremos que a reforma trabalhista de 2017 do governo Temer extinguiu, sem prévio aviso nem período de transição, o chamado Imposto Sindical, o que levou ao fechamento de milhares de sindicatos em todo o país, principalmente nas categorias mais necessitadas, como rurais, domésticas e construção civil, entre outros. Depois disso, o governo Bolsonaro tentou impedir o desconto em folha da taxa mensal de associação, o que seria o tiro de misericórdia no movimento sindical brasileiro. Não conseguiu devido à resistência e à luta dos sindicatos e dos partidos de esquerda no Congresso.

Mesmo assim, nosso Sindicato, junto com a CUT, é contra a volta do Imposto Sindical obrigatório e a favor da taxa negociada, adotada através de acordo ou convenção coletiva de trabalho, aprovada em assembleia.

O Sindicato dos Químicos do ABC, com seus 85 anos de lutas e conquistas, para nosso orgulho, está entre aqueles que resistiram a todos esses ataques e continuou lutando, não permitindo que direitos fossem retirados e os salários reduzidos. Graças a uma diretoria responsável e a uma gestão competente das finanças e da administração, o Sindicato manteve a Convenção Coletiva de Trabalho, ajudou os mais necessitados durante a pandemia, garantiu o poder de compra dos salários e preservou o patrimônio da entidade.

E ainda lutamos, ao lado da CUT e dos partidos progressistas, pela manutenção da democracia e o retorno de um governo voltado aos interesses dos trabalhadores/as e dos mais necessitados.

Tivemos que enfrentar, todavia, muitas dificuldades com a redução do número de associados devido à diminuição do número de empregados nas fábricas, o que ocorreu devido ao fechamento de muitas empresas, o trabalho em Home Office, a introdução de novas formas de contratação (PJ, MEI, intermitente, por exemplo) e o aumento da terceirização e da subcontratação.

O que nos salvou foi o apoio da militância, a nossa estrutura organizativa (FETQUIM, CNQ e CUT) e a nossa disposição para o diálogo e a negociação coletiva, amparada na organização no local de trabalho (OLT) e na tarefa interminável e diária de fazer novos sócios. Apenas nesse ano de 2023, fizemos 801 novos sócios e perdemos 545, restando um saldo positivo de 256 associados/as. Todas as Regionais do Sindicato estão de parabéns por essa tarefa que às vezes parece como enxugar gelo, devido à rotatividade que ainda existe no Brasil.

O desafio continua sendo aumentar o número de sindicalizados para ter mais representatividade. Somente dessa forma poderemos continuar lutando para garantir o emprego e o direito de todos e todas nas fábricas, nas empresas da região e no país. Um sindicato forte amplia direitos e melhora as condições de vida das pessoas, das famílias e das comunidades onde vivem.

Perguntas:

1- Quais são os motivos dos colegas na fábrica para não querer ser sócio ou sócia do sindicato?

2- Quais são os melhores argumentos para associar mais pessoas?

3- O que o Sindicato pode fazer para atrair mais associados?